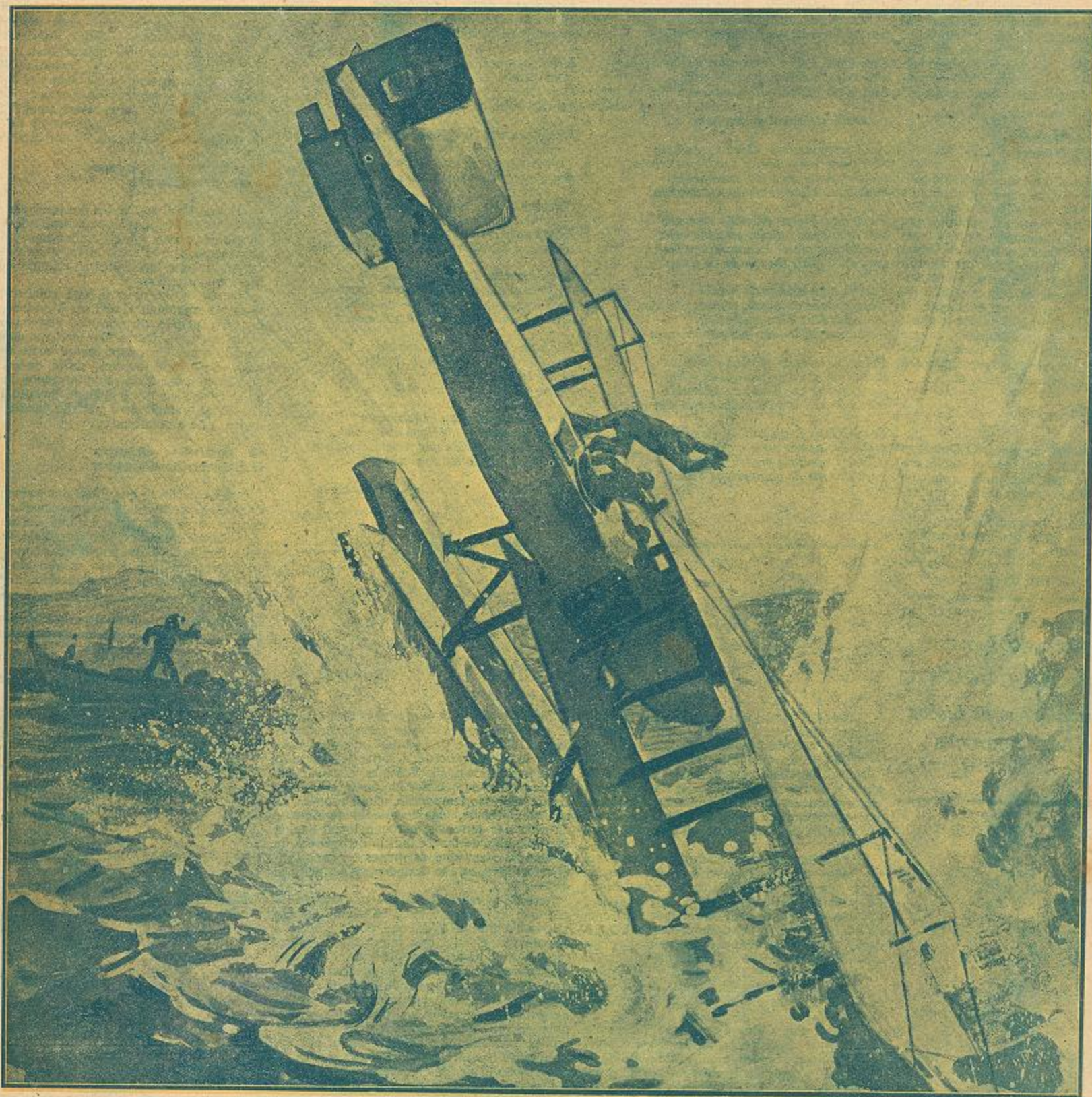
A maior tiragem de todos os semanarios portugueses

NUMERO 27 PREÇO AVULSO 1 ESCUDO 12 PAGINAS

O DOMINGO ilustrado

SEMANARIO
R. D. PEDRO V-18
TELF. 631-N. LISBOA

AGENTES EM
TODA A PROVINCIA
COLONIAS E BRAZIL.

NOTICIAS E ACTUALIDADES GRAFICAS — TEATROS, SPORTS E AVENTURAS — CONSULTORIOS & UTILIDADES.

A morte do "Fairey" 18

Despedaçou-se de grande altura sobre o rio, o "Fairey" 18. Teve um aspecto emocionante a queda do aparelho e nela ficaram bastante feridos o 2.º tenente Ferreira da Costa e o marinheiro Tomé de Oliveira. Esta pagina é composta segundo elementos fornecidos por testemunhas presenciais.

O DOMINGO ilustrado
ANO I — LISBOA 19 DE JULHO DE 1925 — N.º 27
PROPRIEDADE DA EMPREZA O DOMINGO Ilustrado
REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS—R. D. Pedro V, 18—Tel. 631 N.—DIRECTORES: LEITÃO DE BARROS E MARTINS BARATA - EDITOR LEITÃO DE BARROS—IMPRESSÃO—R. da Rosa, 99

comentarios

Première

O sr. Rodrigues Gaspar foi quem fez no parlamento a apresentação das estrelas do elenco ministerial. Com o ar do «François» do Coliseu, o antigo ministro, foi aplicando a cada cavalheiro da arcada politica varios adjectivos, como quem cola etiquetas. Assim foi andando: Meus senhores, o nosso ministro da Agricultura, é um cidadão que tem dado cabais provas... do seu indefectivel republicanismo; o nosso ministro das colonias, é... um republicano de sempre; o nosso ministro da instrução é um competentissimo... republicano; o nosso ministro dos estrangeiros é duma excepcional envergadura... republicana. E, daqui não saiu. Uma obra, um livro, uma conferencia, um discurso, uma polemica, um simples artigo de jornal, quem é capaz de encontrar isso no passado eleito meia duzia de estadistas sortidos? E' o encontras...

Uma «anormalidade» numa Escola «Normal»...

Averiguámos que não foi um escandalo propriamente dito o que se passou durante uns exames de Estado na Escola Normal Superior. Foi apenas qualquer cousa estapafúrdia, que indignou mais a opinião académica e os mais cotados professores da Faculdades de Letras do que a pessoa «directamente» prejudicada pela inexplicavel decisão dum juri de sete membros que funcionou apenas com quatro. E dizemos «directamente», porque o hipotético prestigio da Escola Normal Superior tambem não beneficiou com o acontecimento, de que só não fazemos o curioso relato para não termos de descer a pormenores que dariam á questão um aspecto demasido pessoal.

Critica arquitétonica

N'um dos proximos numeros, «O Domingo ilustrado» abrirá uma nova secção, inedita entre nós: Critica arquitétonica. Juntamente com a fotografia do edificio, virá um estudo profundo e consciencioso da sua construção, defeitos, qualidades, pontos de vista artisticos etc, feito por um dos nossos mais inteligentes arquitétos. Dando esta noticia, que por certo vai interessar os leitores provamos que não esquemos o programa do nosso semanario.

NO PROXIMO NUMERO
UMA SENSACIONAL NOVELA
A loira da cocaina
Scenas da vida intima de Lisboa
REVELAÇÕES CURIOSAS
LEIA

GALANTARIA

ELA:— Você tem uma linda bocca. Caihava lindamente na cara duma mulher.
ELE:— Magnifico! Vamos lá a experimentar...

Má Lingua

RESPOSTA DO RECEM-NASCIDO

(V. a carta que lhe escrevi no numero anterior)

Aqui me tens a agradecer-te muito
—eu tambem sei cumprir o meu dever...—
a má doutrina e o excelente intuito
com que traçaste o que acabei de ler.

Vejo erros aos cardumes no que escreves.
Muitas contradições. Muita tolice.
Pezam demais certas ideias leves
que tu formaste,—se ningem t'as disse.

Bom é que a taes desmandos ponham cobro
Estes debeis dois palmos de petiz...
Sim. Dois palmos. E' pouco...—E é mais que o dobro
do horizonte visual do teu nariz...

Acho este mundo a oitava maravilha;
nem posso ver porque é que te acabrunha.
No Sol, como na terra, tudo brilha
mais, muitissimo mais do eu supunha.

Tenho um boneco de gibão vermelho
com uma rodela d'oiro em cada mão,
que dá uns ais de macaquinho velho
quando a gente lhe exprime o coração;

e tenho uma cabaça de metal
que responde cantando, a quem lhe tóca,
um verdadeiro himno celestial;
—nunca ouviste falar na minha «roca»?

Pois se invejas as minhas alegrias
mando-os ahi desempoeirar-te o tédio;
para acabar com taes neurasthenias
inda não se inventou melhor remedio.

Sorris? Pois fazes mal, No meu pimpão,
o que devias era ver o espelho
de quem aperta o proprio coração
para dar ais de macaquinho velho.

E se um rir de sarcasmo te suffoca,
tu que tens—a Illusão—por companheira,
olha bem para ella... Ela é uma «róca»
em que a gente se fia a vida inteira.

Heide apprender a ler. Heide estudar
tudo quanto puder comprehender.
Só reside, a volupia de ignorar,
na enorme covardia de saber.

Hei-de amar. Heide amar uma mulher,
entre as cem mil a cujo encontro vou.
Quem corta o vou a uma ambição qualquer
guarda todas as penas que cortou.

Heide sonhar. Se é fumo seja fumo:
—exalta os fortes e adormece os fracos.
Tu verás com que audacia, com que aprumo,
dou gasto á Companhia dos Tabacos...

Não heide ouvir palavras de infelizes;
—perdôa, se isto é pouco lisongeiro...—
Divertem-se a estudar nas proprias crises
a dor que hão de ensinar ao mundo inteiro.

Cada conselho é uma doutrina vã;
—quantos mais precipicios nos apontem,
mais esses que acautélem:—«amanhã»,
terão saudades do que foram hontem!

Por aqui fico. Sinto-me cançado.
Creio ter-te provado o meu apréço...
Ha já tempo demais que estou calado;
agóra, choramingo e adormeço

Prometto recordar o que escreveste
—e arrepender-me até deste arreganho...—
se fôr vivendo a vida que viveste
até chegar a ter o teu tamanho.

Pela copia

TAÇO

---

questão prévia

Entramos naquele periodo do ano em que, á falta de melhor assunto, andamos todos a dizer, uns aos outros: «Que calor!» Parece que este desabafo nos traz uma sensação de alivio e de frescura, porque depois de termos concordado em que a temperatura é tropical, nos esquecemos a conversar sobre os temas favoritos da politica e de mulheres, á torreira do sol.

Para nos defendermos do escaldante sol do Julho—que derrete a cidade, uma vez que já se não pode sair á rua com um guarda-sol de paninho vermelho, (que é hoje exclusivo dos abades das operetas) inventámos o sistema de mudarmos de pouso durante o estio, trocando os nossos costumes e moradia pelas d'outros mamiferos residentes em localidades diversas. E' neste mês que se inicia nas cidades aquele movimento de emigração a prestações, que no seio das familias é designado pela expressão «ir para fóra»

«Ir para fóra» é uma expressão generica e elastica que abrange a cura de aguas e o veraneio puro e simples e que tanto pode significar que a caravana familiar vai acampar em Biarritz, como na Cruz Quebrada.

Em regra, nestes tempos de moeda debil, hoteis caros e tarifas ferro-viarias elevadissimas, quem vai para fora não vai muito longe. Fica-se, com folego curto, por qualquer dos arrebaldes e só os eleitos da sorte grande, estendem o seu raio de acção veraneante até á Figueira, Bussaco, Espinho ou Bom Jesus.

Para a maioria, porem, ir pára fora é trocar as comodidades da cidade pelas incomodidades da aldeia de pescadores ou do logarejo onde tudo falta, desde a carne de vaca e do peixe fresco, aos pós insecticidas. E' uma especie de penitencia que nos impomos, uma especie de regresso temporario, não á natureza na sua simplicidade, mas ao estadio deprimente da vida das terreolas, em que quem tomar banho, que não seja de mar, é indicio de ligeireza de costumes e em que as pulgas e outros bicinhos antipaticos, são tratados como pessoas de familia.

Acresce a estes incomodos uma circunstancia, que nós, veraneantes, teimamos em não querer admitir: é a de que, para fugirmos á fornalha da cidade, nos vamos meter em buracos rurais onde o calor é mais intenso, as moscas mais importunas e os porcos mais intrometidos. Porque eu sei de terrinhas em que a gente não pode dar um passo sem deparar um suino atravessado na rua, teimoso e grunhindo, como quem está em terreno conquistado e persistindo, o inconveniente, em dar trombadas nas meias de seda fosca que as senhoras não dispensam, mesmo na aldeia.

Ora em Lisboa—e as senhoras que tenham sido vitimas de tais inconveniencias serão as primeiras a concordar comigo—quando se depara um suino, é á porta de alguma salchicharia, em perfeito estado de inofensividade, com os touchinhos correctamente rapados á «Gillette» e uma cana atravessada na barriga, com um ar de tanta franqueza, um ar absolutamente aberto, tão simpatico que até faz pena saber a gente que o ha-de comer assado ou frito.

Ah, decididamente ir para fóra não tem justificação possivel e talvez seja por isso mesmo que eu me disponho a ir para fóra por estes dias.

écos

De costas voltadas...

A' força de insistencia, de prato constante, a politica entre nós conseguiu esta notavel situação. Ninguem lhe liga nenhuma... Podem os ilustres deputados despejar vagons de oratoria no Parlamento, podem os jornaes bater e rebater discursos, entrevistas e mais cronicas politicas. O povo, a burguezia, o capital, voltam placidamente as costas a tudo quanto cheire á «grande porca» de Bordalo e procuram de todas as maneiras não apanhar á frente dos olhos linha que fale de coisa tão sediça.

Ataques ou contra-ataques, a favor ou contra, não teem hoje meia duzia de leitores, desde que cheirem a politica. Rubra ou azul, avançada ou conservadora, nenhuma bandeira hoje consegue as atenções. Só o indiferentismo toma vulto e domina. Culpa de quem? A quem interessa que indague. Nós apenas apontamos o facto: Mercê de razões varias, a politica hoje apenas consegue ser lida na secção do «Diario de Lisboa... que a trata humoristicamente...

Um caso engraçado de grafologia

«Dama Errante», a habil e inteligente grafologa que tanto sucesso tem alcançado na sua secção do nosso jornal, contou-nos um caso pitoresco e que é mais uma prova das suas extraordinarias faculdades na sciencia de analise a manuscritos.

Quando a ilustre grafóloga colaborava na revista hespanhola «Por Esos Mundos», recebeu um pedido de consulta assignado por «Um ingenuo». Dama Errante fez o estudo e, quando o publicou, acrescentou como nota final:—«Se não é toureiro, devia se-lo». Dias depois, com um lindo ramo de cravos, recebeu a ilustre analista um bilhete de Ricardo Torres (Bombita) garantindo o perfeito exame grafologico . . . e a nota final . . .

O mundo depois da Grande Guerra

Luiz Schwalbach que é um dos nossos mais notaveis professores de ensino secundario, lançou no nosso mercado um admiravel trabalho de sintese e de critica, sob este titulo. O exito foi merecido e daqui felicitamos todos os que se interessam pelo nosso movimento bibliografico que ficou assim enriquecido.

DUVIDA

HOSPEDE: — Perdão, não foi V. Ex.ª a senhora a quem eu hontem me atrevi a beijar na escada?
SENHORA:—A que horas foi isso?

O que se lê

«Consumatum est . . .» e «Aguas Passadas»—por Silva Tavares, (Porto, 1925, Lisboa, 1925).

Mais dois livros de versos do fecundo lírico do Rosário de Rimas: No segundo, predomina um alto entusiasmo patriotico pelos grandes feitos dos maiores portugueses, desde o velho Lidador a Coutinho e Cabral; o outro é o «requiescat in pace» dum regimen politico a que tem andado prêso o destino da Pátria. Num, ha palavras repassadas de orgulho; nouro, expressões de cansaço; mas, em ambos ha poesia, da mais pura, da mais rica de pensamento, da mais equilibrada dentro da sua veemência.

O mesmo sôpro de tragedia que eternamente verificará as folhas da «Patria» de Junqueiro corre pelas paginas do «Consumatum est . . .», a mesma nítida visão do momento historico e o mesmo sentido da oportunidade, oferecem ainda certo paralelo entre os dois poemas. Mas Silva Tavares, compreendeu melhor do que ninguem que o poder sarcástico dum Junqueiro e a suprema eloqüencia do seu verso, raramente aparecerão duas vezes na historia duma Literatura, não deveria talvez forçar a sua inspiração, sempre tão bela e tão facil, a trocar poa caminhos menos idílicos aqueles que já lhe são familiares e onde, a cada passo andado tem conquistado um novo triunfo.

«Memorias sentimentaes de João Miramar»—por Oswald de Andrade (S. Paulo 1924).

Um dos escritores do Brazil moderno mais justamente bem cotado, deixando-se levar por avançadissimas correntes literárias, escreveu e mandou para a Europa uma novela que, quando não chegasse a interessar, ficaria, ao menos, como um curioso specimen de todos os defeitos e qualidades da escola em que se filia. Merece ser lida sem o menor «parti-pris» e sem qualquer preconcebido scepticismo. Nestas condições, tornar-se-hia facil encontrar nela algumas páginas que seriam sempre brilhantes dentro de qualquer maneira literária.

Tereza LEITÃO DE BARROS

UM RECORD *DE PALAVRIADO...*

O sr. João Camoesas, ilustrissimo parlamentar, acaba de bater um «record» mundial. Sem o menor desfalecimento, sem a minima fraqueza; S. Ex.ª falou seis horas seguidas no Parlamento, diante da admiração geral dos ouvintes que não sabemos quantos eram.

Não dizem as noticias dos jornaes o estado de decomposição em que foram retirados da sala os ilustres ouvintes, mas segundo afirma o barbeiro mais proximo do Parlamento, todos os deputados que assistiram ao «record» quando sahiram de S. Bento traziam umas barbas de meter medo e em confidencia, emquanto o «Figaro» lhes rapava os queixos, dizia-se:

—Seis horas a falar! Mas afinal que disse o Camoezas?

—Nada! Falou sól.

RAZÃO FORTE

GUIA.—Agora não posso ir mostrar-lhe o museu. Tem de esperar um pouco. No museu não é permitido fumar.
VISITANTE.—Mas eu não fumo...
GUIA.—Pois sim, mas fumo eu...

Crónica alegre

Dos homens das outras em geral e do nosso em particular

Estando na estação calmosa, em que nas praias e termas, não ha á noite, alem dos mosquitos e do candieiro de petroleo, do loto batoteiro e das variações do gramofone, outros divertimentos; ofereço hoje ás minhas queridas leitoras (só ás bonitas, as feias que se matem, que eu tambem já fiz o mesmo! (uma conferencia que poderão dizer em qualquer serão mais ou menos divertido. Tendo por auditorio tres primos, oito conhecidas, dois tios e um futuro cunhado, garanto o exito da conferencista a quem, por unica recompensa, peço o favor de rezar pelos meus pecados de oito em oito dias.

Minhas Senhoras, Senhores:

HOMENS das outras, chama-se geralmente, aqueles que não são propriamente nossos, mas no caso presente, devem V. Ex.as entender por homens alheios os que tiveram a lembrança de nascer em terras estrangeiras. Ora os homens dos outros, no sentido que disse, dividem-se em raças e nacionalidades.

Exemplo:

«O homem francez». O homem francez é assim um homem em forma de bigode loiro e olhos azues, quasi sempre barrigudo, que gosta de queijo com marmelada, môlho branco no peixe e fala o francez muito corretamente. Ama porque é costume, para tirar o retrato ou para cantar a Marselheza no dia dos esponsaes. Quasi sempre é novo até aos sessenta anos e é ráro usar ciumes; quando porem se lembra que é «chic» ser ciumento, passa-lhe a doença com qualquer calix de licôr, E', no final de contas, um homem para fazer sardinhas de conserva.

Temos a seguir o «homem italiano» que é assim um homem em forma de clave de sol. Ama para fazer teatro, para que o aplaudam e peçam bis, para que digam que tem o diploma de amar tirado no Scala de Milão.

Ciumento como um Kaugurú, não descança emquanto não faz a operação á apendicite á perjura e não transforma a golpes de navalha a cara do rival em papel de musica.

Apaixona-se facilmente desde que a namorada tenha voz de soprano e envelheça na idade propria, desesperado por já não poder dar o si bemól agudo.

E' um homem... para cantar opera.

«O homem americano». O homem americano é assim um homem em forma de maquina aperfeiçoada e com todo o conforto. Ama para fazer ginastica, para criar musculos, para ganhar os primeiros premios nos concursos olimpicos. Cria os filhos como quem joga o xadrez, com metodo, com reflexão, e está sempre pronto a deixar a esposa «Knok-out» com o divorcio. Quando a mulher o engana não se rála. Limita-se a desclassifical-a no torneiro e a marcar dois pontos a seu favor. Tem a mania do bizarro e assim, casará facilmente com a mulher que amanhã invente um «side-car» de algibeira ou venha ao mundo com dois dentes de elefante nos tornozelos.

E' um homem... bom para fazer fitas de cinema...

Temos o «homem inglez» que é assim um homem que parece que engulíu uma bengala para andar sempre direito. Em negocios de amor, é pela matematica. Ama das 5 ás 5 e 3/4 bebendo chavena e meia de chá preto e verde, com trez pasteis, um guardanapo e dois palitos. Inventou o «flirt» como podia inventar uma sóla de papel higienico, uma metralhadora de tinta permanente ou uma navalha para fazer a barba debaixo de agua. Não tem ciumes porque isso gasta tempo e não rende juros. Usa oculos e maquina fotografica, fala uma lingua que nem os inglezes a entendem e tem cada pé que dava para se fazer um hotel de vinte andares com oito ascensores.

E' um homem... para meter medo ás creanças.

E finalmente, minhas senhoras e meus senhores, temos o nosso homem em particular, o homem portuguez que V. Ex.as conhecem tão bem.

«O homem portuguez» é assim um homem em forma de bom rapaz que se intruja com a maior das facilidades e come quantas mentiras as mulheres lhe metam.

E' aquele «pierrot» domestico que leva tardes inteiras a tocar sempre a mesma coisa na guitarra, que quando vem na escada tem sempre o cuidado de limpar as manchas de pó de arroz que as outras lhe puzeram nas bandas do casaco, e tem a mania de que todos lhe cubiçam a adorada. E' um tonto que finge que não tem ciumes mas que *róe para dentro* e vae surrateiramente perguntar á creada se a senhora levou o chapeu cinzento. E' aquele desgraçado que passa todas as manhãs pela rua, que olha dez mil vezes para traz, que trata muito bem a mamã para ela não desconfiar, e que está até de madrugada a falar, a falar, sem dizer coisa alguma. E' aquele santo martir que quando ela está «doentinha», vae aquecer o chá na lampada de alcool e faz uns ovos estrelados que nem os cães os podem comer. E' aquele habilidoso que faz uma prateleira para a louça, um fecho para a gaveta ou um caixote para o gato!

E' aquele bom rapaz de olhos escuros que segue uma pequena durante dezoito mil kilometros de ruas, que quando vae para casa leva sempre um embrulhinho com pasteis, que no dia dos nossos anos vae empenhar o relogio para nos dar um prezente, e que atura todas as pessoas da nossa familia só para nos ser agradavel. E' aquele idiota que diz que mata e que esfola mas que mal vê uma lagrima já não sabe que hade fazer e com um beijinho repolhudo vai inventar o dinheiro com que nos hade comprar a malinha da móda! E' emfim, meus senhores aqueles que todos vós sois, quando uma bailarina hespanhola vos não dá volta á cabeça e não vão depois para casa ás quatro da manhã, dizendo que tiveram serão, ou um amigo chegado da provincia os convidou para uma partida... de bilhar...

Henrique Roldão

BOM REMEDIO

—Então o sr. entende que com um unico frasco do seu remedio, curo a minha tosse?
—Com certeza. Pelo menos até agora, ninguem veio comprar um segundo frasco.

Sports

Ainda o Salão de Automoveis.

Como nesta terra, quem escreve desassombradamente uma opinião chama logo sobre si as atenções—tão habituados andam á publicidade redigida—a nossa local sobre o IV Salão de Automoveis, sabida a enorme expansão deste semanario no publico desportivo, deu logar a muitos comentarios.

A acusação mais frequente era de que o motivo do local estava em não nos terem dado anuncios (!) E' pois necessario esclarecer, que «não pedimos anuncios a ninguem sobre o IV Salão de Automoveis». Que os que publicamos nos vieram por intermedio de pessôa amiga, que não angariadores, que nos não interessava impinjir fachos de publicidade como sendo um jornal e que, sobretudo, temos pelos organisadores do IV Salão de Automoveis uma inalteravel consideração e estima, o que nos não impede de dar a nossa opinião.

E, já que vem a talhe de fouce diremos que o representante duma das moiores marcas de automoveis do Mundo disse e escreveu na sua resposta aos resultados do IV Salão de Automoveis que os considerava «um zero absoluto sobre o ponto de vista comercial». Outros estão contentissimos, e com alguns desses falamos. O sr. Pedro Bordalo Pinheiro por exemplo; fez optimo negocio com os seus Sizaire Frères; o sr. Eduardo Rosa idem, e idem tambem o sr. Sebastião Teles.

Daqui se conclue que ha varias opiniões. O que nos parece certo é que o IV Salão de Automoveis, com uma frequencia menor que metade da que teve o ultimo do Porto, foi uma coisa atabalhoada cuja ornamentação precipitada que agora sabemos ser do ilustre artista Sr. Augusto Pina é francamente e indiscutivelmente infeliz, o que não marcou, de forma alguma nada do que havia a esperar de quem o organisou—embora reconheçamos um grande esforço nessa organisação. Foi mais uma «coisa» portuguesa, que por não ser do Estado, não tem a desculpa dos desastres do Rio de Janeiro ou dos Transportes Maritimos.

O NOSSO CONCURSO DE FOOT-BALL

CHICO VENCEDOR?

Jorge Vieira, Francisco Vieira e Cesar de Matos são os três jogadores de foot-ball que têm obtido mais votações neste jornal. São ás centenas as cartas que semanalmente aqui chegam de todos os pontos do país com os votos dos eleitores. Este jornal não tem clubismos que o comprometam Não temos predileções. Quem mais votos tiver será o vencedor. Os selos aqui estão na redação, para quem os quizer ver, com as respectivas assignaturas. Tem portanto o maior valor este sufragio popular.

Nos ultimos dias a votação de Chico Vieira subiu extraordinariamente. Porquê? os eternos misterios do pôvo. Damos a seguir alguns nomes dos eleitores.

Oscar Viegas Mauva
José S. Esteves (Carioca)
Carlos Augusto
Francisco Briates
Sousa Costa
Fernando Ferreira
José Antunes
Chico Azevedo
Manuel Gameiro
José Delfim
Maria Candida Alves
A. Marques
José Alves
Americo dos Reis
J. Lopes de Azevedo
Mario Pessôa
José Marrão
José Pereira
Francisco Correia
Maria R. Azevedo
Arlindo Pessôa
Joaquim Relvas
Camilo d'Oliveira

SERÁ REALMENTE

CHICO O VENCEDOR?

Qual é o jogador de foot-ball mais correto, cujas atitudes mais assombram pela elegancia, pela linha, pela audacia?

Eleito: ....

Eleitor: ....

Barreira de sombra (crónicas tauromáquicas)

CAMPO PEQUENO

O cavaleiro José Casimiro foi contemplado com o premio maior da grande loteria do Campo Pequeno, no dia 12 do corrente.

Em toda a acepção da palavra e por todos os motivos, o popular cavaleiro deve sentir-se altamente maravilhado em face das estrondosas aclamaçoes dispensadas aos seus dois filhos, pela grande romagem de seus amigos pessoaes e admiradores, que em numero superior a doze mil, nãa quizeram deixar de assistir ao baptismo artistico dos herdeiros de um nome que alguma cousa de notavel tem sido na luza tauromaquia.

Os pequeninos principiantes, mas grandes esperanças, fizeram verdadeiros prodigios, coroados de ovações, como raras vezes temos presenceado. Optimos equitadores, os jovens cavaleiros, possuidores de muito sangue frio e conhecedores das regras do toureio a cavalo, foram aprovados com distinção e louvados pelo grande e verdadeiro jurz—o publico—com as maiores e muito justas provas de carinho e consideração, que outras não poderiam sêr.

Agora, é não olhar para traz; para a frente é que é o caminho.

Afora o exito, por vezes delirante, do trabalho dos tres Casimiros, teve mais a corrida de de domingo a alternativa de Julio Procopio, um novo que abriu com chave de ouro a espinhosa vida a que se vae dedicar, cravando tres bons pares de bandarilhas e na lide de capote deixou a assistencia bem impressionada, o que já é bastante nos tempos que vamos atravessando de crise do toureio pedestre.

O espada Emilio Mendes, foi justamente ovacionado pelo seu bom trabalho de bandarilhas, capote e muleta; deve voltar ao Campo Pequeno.

Incansaveis em toda a lide os bandarilheiros Alfredo dos Santos, Custodio Domingos e Rodrigues Raposo.

A direcção da corrida, confiada ao emprezario Segurado, sem protestos e... como digo ao principio, José Casimiro foi contemplado com o premio maior, o director da corrida «abichou» o segundo premio, sem jogar na lotaria...

ZEPEDRO

Automobilismo

A RAMPA DA PIMENTEIRA

O nosso presado colega «Os Sports» vae realisar em fins de Agosto proximo, a IV corrida da Rampa da Pimenteira para carros de Serie por categorias para amadores e profissionaes.

A estrada vae ser concertada desde já, ficando com um ligeiro relevé nas curvas facilitando assim as medias que poderão ser melhoradas. A inscripção provisoria deverá ser feita em carta até 5 de Agosto, proximo.

O regulamento depois de aprovado pelo A. C. P., será distribuido a todos os interessados.

OS GRANDES RECORDS MUNDIAIS

O «Bignan» acaba de obter triunfos que nos apraz registar. Sem reclame, fazemo-nos eco das victorias dessa elegantissima «trouvaille» de mecânica moderna, que já teve o «record» do mundo de velocidade na pista nas 24 horas, com 124 kilometros á hora! No recente grand-prix da Belgica o «Bignan» era á 14.ª hora o vencedor de todas as categorias.

Tendo no seu passado victorias como o grand-prix de San Sebastian, o da Corsega, o da Belgica de 1912, etc, o Bignan é contudo entre nós ainda impopular. Esperemos porem que em breve a grande marca, que não tem feito publicidade, entre na sua verdadeira situação. E' seu agente em Lisboa um nosso amigo e notavel sportsman: o sr. Guilherme Pereira de Carvalho Junior, e tanto basta para o recomendar sem favor.

BOX

CRIQUI EM LISBOA

A noticia sensacional d'esta semana, em coisas de «sport» foi a nova de que Criqui, o ex-campeão dos meios leves, virá a Lisboa fazer uma demonstração de box.

Se bem que não acreditemos que o publico amador de box, mercê da educação que lhe teem dado com as nossas *soirées*, pouco ou nada entenda do jogo do formidavel «Rei do knock-out», a sua exibição entre nós, é, na verdade, um facto digno de grande nota e muito para louvar aos organisados dessa festa tal empreendimento. Criqui, hoje justamente cotado como um «Az de Azes», por certo ha-de encontrar entre nós sinceros admiradores e por muito pouco que faça, sempre pode fazer alguma coisa inedita entre nós,

Parabens aos organisadores da festa e oxalá ela compense os sacrificios que a vinda de tal pugilista por certo hão-de trazer.

Cinemas, teatros e circos

Teatros á cunha e Teatros ás moscas

Em resposta á carta a que no nosso ultimo numero demos publicação, assinada por «Um actor desempregado», recebemos varias cartas que não publicamos porque nada acrescentam ao já dito e rebatido sobre o assunto e ainda porque, abrimos uma unica excepção para aquele escrito anonimo.

De resto, a falada crise teatral, em nosso entender, atinge apenas os auctores maus, os artistas sem valor apreciavel e as administrações levadas á tôa.

E senão, perguntamos:

Quem assiste a um espectaculo, no «Politeama», no «Eden» ou no «Maria Victoria» tem a impressão de que em Portugal existe crise teatral?

Não acorre o publico em massa a esses teatros, disputando o preço dos bilhetes de uma maneira pavorosa? Onde existe pois a crise? Nos outros teatros, nas outras emprezas que, não querem ver a unica verdade da exploração teatral: dar ao publico espectaculos que estejam na razão directa da sua inteligencia.

Quem poude acompanhar a reviravolta que a vida social sofreu? Os comerciantes, os que vendiam e compravam, as camadas sociaes que podiam afirmar-se d'uma maneira absolutamente eficaz. D'ahi resultou que, o grande publico, o que póde frequentar o teatro, e pode pagar, não tem a cultura, o desenvolvimento bastante, para comprehender certos espectaculos e acorre em massa aqueles que estão á altura da sua inteligencia.

Evidentemente que apresentar problemas elevados, idiosincrasias extranhas a um publico para quem essas coisas são desconhecidas,—é o mesmo que... «remar contra a maré»...

Se o teatro em Portugal não pode viver sem a bilheteira, e se ela só é servida por um publico de restrítas predileções, que admira pois que as explorações fóra desse ambiente não tenham vida?

Crise teatral! Nunca ela existiu entre nós! O que existiu e existe é crise de comprehensão.

Z.

Maria Victoria

A peça de actualidade, tão queria do publico, «Rataplan» com Laura Costa, a encantadora divette em numeros novos e sempre repetidos.

A festa dos 3 jornais

Será, sem favor, o maior acontecimento teatral de toda a temporada

Está assegurada a colaboração dos maiores nomes

Vamos começar a dar aos nossos leitores alguns pormenores do sensacionalissimo espectaculo que se realisa no Teatro de S. Luís, promovido pela *Revista de Teatro*, pelos *Sports* e pelo *Domingo ilustrado*:

Esse espectaculo que será o maior e o mais sensacional que jamais se tem apresentado em palcos portuguêses, tem numeros verdadeiramente unicos.

Abrirá o espectaculo a representação da comedia de Julio Dantas

A Ceia dos Cardeais

POR

JOSÉ ALVES DA CUNHA

GASTÃO ALVES DA CUNHA

RUY DA CUNHA

Terá mise-en-scène nova, efeitos de luz surprehendentes, e aparecerá em scena uma famosa baixela, cedida pela maior Ourivesaria e Joalheria de Lisboa.

O grande actor Alexandre de Azevedo, representará, pela primeira vez um acto intensissimo, inedito, original de Leitão de Barros, sob o titulo

UM ACTOR Á VOLTA DE SEIS PAPEIS

replica á famosa peça de Pirandello. Nessa peça emtrará o escriptor Henrique Roldão, como actor, e tambem a notavel actriz D. Luz Veloso.

O eminente comico *Nascimento Fernandes* tomará uma activa parte no espectaculo.

José Ricardo e Chaby e Estevam Amarante, três grandes actores, entrarão no grandioso espectaculo. As maiores artistas portuguesas entram no festival.

Uma sensacional conferencia do eminente critico Matos Sequeira, exemplificada pelas estrelas de todos os teatros.

A Festa da Flôr dos Clubs

Uma colossal surpresa em que entra o maior *az português do Foot-Ball.*

Ceia á Americana—baile a premio—Desgarradas pelos primeiros artistas com quadras ineditas dos primeiros poetas.

cá por dentro

—No proximo mez, deve realisar-se no «Stadium de Lisboa» uma festa promovida pela Caixa de Reformas e Pensões da A. C. T. T. O programa consta de dois desafios de «foot-ball», um entre actores e outro entre as coristas do Teatro Maria Victoria e Eden-Teatro.

Haverá ainda corridas pedestres, cavalhadas, saltos etc., tudo executado por actores, actrizes e coristas.

O numero sensacional será um desafio de «Barra» jogado por varias actrizes de declamação.

—A cantora Manoela Pinto Basto recebeu um convite para fazer parte de uma companhia de opereta' no proximo inverno.

—No Apolo entrou em ensaios uma opereta popular, intitulada «O menino do Castelo», original de Luiz d'Aquino, Xavier de Magalhães e Lourenço Rodrigues.

—Foi contratado para a proxima epoca no Eden o maestro Wenceslau Pinto.

—Nicolino Milano ficará contractado pela Empreza Conceição e Silva Limitada.

—Chaby Pinheiro pensa em organisar companhia no proximo inverno.

—O actor Augusto Costa faz parte do elenco de inverno do Eden-Teatro.

—Parece que Laura Costa irá no verão de 1926 ao Brazil, á frente de uma companhia de revistas, dirigida por Antonio de Macedo.

—A sociedade artistica que explora actuamente o Apolo, fará no proximo mez de Setembro uma digressão pelas praias.

—Parece que a Companhia Lucilia Simões — Erico Braga não fará a epoca de inverno em Lisboa.

—Deve ser contractada para a epoca de inverno do Teatro da Trindade, a actriz Angela Barros.

—O actor Soares Correia faz parte do elenco do Teatro Aguia d'Ouro do Porto, na proxima exploração.

—A actriz Elisa Santos não chegou a um acordo para fazer parte do elenco do Eden.

—O representante da Sociedade de Escritores e Compositores Teatraes, em todas as terras da provincia, é o Banco do Minho.

—Alfredo Cortez explorará um dos teatros do Porto, na futura epoca.

—Parte no fim do mez para Felgueiras, o escritor Ernesto Rodrigues.

S. Carlos

Fechado temporariamente.

S. Luiz

Explendidos espectaculos de comedia por sessões, com Gil Ferreira.

Salão Foz

As maiores atrações de Music-Hall.

Avenida

O «Lodo» de Alfredo Cortez com Adelina.

Politeama

Enchentes com o Leão da Estrela da Parceria, com Chaby.

Eden

Admiravel espectaculo. A grande revista de André Brun. «A cidade onde a gente se aborrece.»

Nacional

Grande companhia, «Tio de Minh'alma» com José Ricardo e Ilda Stichini.

Apolo

«A Severa» de Julio Dantas com Emilia Fernandes.

UMA NOVELA DE AVENTURAS COMPLETA

O amôr por trespasse...

Encantadora e alegre pagina de ironia e de pitoresco cheia de verdade e que encerra uma grande lição. Este episodio foi absolutamente verdadeiro passado em Lisboa ha cerca de seis meses

JERONIMO de Sequeira e Oliveira—o Jeronimosinho que eu conheci no liceu—é o tipo do rapaz lisboeta de hoje.

Tendo feito com uns dez valores arrastados o seu magro curso secundario, a familia decidiu que o rapazote se devia «dedicar ao comercio» e vai dahi, toca a meter empenhos para entrar para o Banco. Esse Banco que é a solução e o sonho dos pais, quando a filharada começa a ter que fazer a barba e a não poder inscrever claramente no seu orçamento o fim verdadeiro de todas as despesas intimas...

Chegava a parecer impossivel que a madame Nabinho e a Micaela pertencessem do mesmo sexo...

E, é que o Jeronimo, mais entregue a si quando os pais por necessidades de familia regressaram á provincia, foi singrando bem, seu jogosito disfarçado na bolsa, ou por sua conta ou pela dos outros, ia-lhe rendendo o suficiente para poder usar com relativo conforto uma ou outra corista sem grandes exigencias, alem duma ceia barata no Mayer e dum side-car tardio para o Conde Redondo...

Voltado que fosse do avêsso este Jeronimo, despejada sobre a mesa a cabeça (sempre tão bem untada de brilhantina!) pouco mais se lhe encontraria do que um vago interesse pelo Chico Vieira do Bemfica, a recordação duma pequena da companhia italiana, uma vontade surda de ter um «Fiat», e o plano de ir ás codornizes em Setembro...

* * *

Amealhados uns contos de reis, á ordem no Banco, Jeronimo pensou a serio num «arranjinho». O «arranjinho» é entre nós a ponte de passagem para o casamento, o tirocinio inevitavel das ligações permanentes, o canto, o «conchego», o simulacro de lar, o primeiro enjôo das ligações de acaso e a primeira tendencia para uma «coisa asseada».

Foi uma tarde, na Rua Augusta, ao subir ao escriptorio duma companhia de Seguros que o Jeronimo, pela primeira vez, viu debruçada sobre a sua pequenina «Royal» a menina Micaela de Jesus Silva, dactilografa que, na sua vida, tanto espaço de futuro viria a ocupar. Era uma garota magra e palida, mas tinha as mais lindas sobrancelhas e os mais belos olhos meigos que decerto trabalhavam em Companhias de Seguros...

E, Jeronimo e Micaela, olharam-se atravez o «guichet» com aquele olhar que não mente, e quer dizer, lá muito no fundo: «ora até que emfim, cá está êle»

* * *

Todas aquelas semanas foram um alvoroço. A Micaela, com um sorriso de triunfo subiu ao escriptorio a despedir-se das colegas: «Ele não consente de forma alguma que eu trabalhe...» E quando num 5.º andar arejado da Rua Filipe Folque se instalaram os dois, havia mobilias D. João V do Olaio, «maples» macios, e um certo conforto novo-rico nos «abat-jours» de franja dourada e na cama de cortinas de renda do Grandela.

Foram felizes, Jeronimo de Sequeira e Oliveira e Micaela de Jesus Silva...

* * *

Em dois meses Micaela era outra. Engordára, perdera aquele ar limfatico e triste e duas manchas rosadas lhe iluminavam a face. Havia já opulencias nas suas carnes moças e o olhar adquirira o brilho tranquilo e satisfeito das mulheres casadas.

* * *

Um belo dia á, queima-roupa, um velho amigo de Jeronimo que o esperara á saida do Banco, chamou-o de parte e disse-lhe:—Tens absoluta confiança na Micaela?

—Porquê?

—Jeronimo, meu velho, venho prevenir-te—é a mais ingrata das prevensões!—mas toma conta na rapariga... e o resto é comtigo.

* * *

Pois quê, seria possivel que Micaela—a pobre «mosquinha morta» que ele fôra desencantar, lhe pagasse dessa forma o bem que lhe fizera? E, com quem seria?

Decidiu-se a ponderar muito bem o caso, a dar um balanço justo á sua vida, e sobretudo a não tomar uma resolução precipitada que inutilmente lhe viesse complicar ainda mais a existencia.

* * *

Nessa tarde Jeronimo voltou tranquilamente a casa e informou que sairia de Lisboa á noite, em missão do Banco. Houve as despedidas do estilo, e com uma pequena mala Jeronimo veiu apenas hospedar-se num hotel da Baixa, afim de iniciar com precisão as suas pesquisas, nessa mesma noite.

Com efeito, cêrca das nove horas, já jantado, quando se começavam a acender os arcos voltaicos nas avenidas novas, Jeronimo instalou-se disfarçadamente na vacaria fronteira ao seu predio. Que misterioso visitante receberia Micaela durante as suas ausencias? Seria tão feliz que o descobrisse logo nessa primeira noite?

* * *

Seriam 10 horas quando á porta de casa parou um automovel de praça. Dele saíra um homem que toda a Lisboa conhece: Victor Nabinho Silva, da da firma Nabinho Silva, Ld.ª, tão acreditada na nossa praça.

Nabinho é um homem que faz parte de trinta sociedades por quotas, gosa o prestigio do seu negocio de moagem e nos grandes diarios é sempre o «nosso querido amigo».

Baixinho e sobre o gordo, é um homem lustroso, amavel, falador, usando o seu bigode assetinado e farto em duas largas volutas simetricas.

Jeronimo reconheceu-o imediatamente.

Um sobresalto tomou-lhe o coração: que diabo iria fazer ao seu predio o Nabinho? E, no entanto, um predio de cinco andares tem tantos inquilinos.

Mas, Jeronimo atravessou a rua e preguntou logo ao guarda-portão. Pelo embaraço deste, o rapaz viu num relance de que se tratava. Não lhe restava a menor duvida—Micaela era amante do Nabinho. Eram justamente as raparigas assim, a especialidade dele. Contavam-se ás duzias as suas aventuras picantes e tinha fama de ser um homem a cujos traços fisicos e a cujas notas da carteira nenhuma mulher resistia.

Porem, paralelamente Jeronimo sabia que o Nabinho era casado com uma antiga peixeira, que o acompanhava desde os longinquos tempos do pé descalço, e que não era para graças. Quando os dois seguiam á tarde pela Avenida no seu automovel, bastava considerar aquela cara e aquele bigode que lhe ornamentava a longa face, para chegar a essa conclusão.

* * *

Na manhã seguinte, sabendo que Nabinho passara a noite na Rua Filipe Folque, Jeronimo subiu a escada e meteu a sua chave na porta.

Sobraçava um pequeno Kodak e um aparelho de magnesio para operar ás escuras. Pé-ante-pé, entrou no quarto da cama e abriu uma greta da janela. De dentro da roupa, Micaela e Nabinho, espreitavam estupefactos.

—Não se mexam que ficam tremidos, disse—e disparou o magnesio, abrindo o obturador.

—Que é isto? berrou o Nabinho.

—Nada mais simples meu amigo, disse tranquilamente Jeronimo, mostrando-lhe um papel—venho receber a conta. Está selada e tudo. Queira ler.

E entregou a Nabinho uma factura assim concebida:

O Sr. Victor Nabinho Silva . . .	Deve
pelo trespasse duma casa na R. Filipe Folque . . . . esc.	2.000$
Instalação electrica e telefone na mesma esc.	5.000$
Mobiliarios e adornos idem, esc.	50.000$
Transformação duma garota magra numa mulher apresentavel . . . . . . esc.	40.000$
Uma chapa fotografica artistica »	10$00
	115:010$00

—E' uma «chantage»?—berrou Nabinho saltando da cama em pijama.

—Não senhor, é uma factura. No caso de não desejar satisfazer terei muito prazer em enviar a Madame Nabinho uma boa meia duzia de provas, em varios papeis e em diferentes tons. Aqui está uma caneta de tinta permanente e um livro de cheques. O meu amigo assigna, torna a meter-se na cama e eu mando já vir o cafésinho.

Jeronimo da porta do quarto disse: Não se mexam, que ficam tremidos...

Combinado? Ficamos amigos como dantes e quando eu tiver outra coisa deste genero, como o meu amigo é amador, posso preveni-lo.

E, sem mais, fez menção de sair levando o Kodak. Nabinho susteve-o com um grito...

E, ao assignar o cheque, rugia.—Custa-me a brincadeira mais de cem contos—«malandragem». !

—Creia o meu amigo que é barato, tudo o que aqui está é bom—Logo que o chequesinho esteja rebatido, a chapa é sua. E uma manhã feliz... Com sua licença... Eu fecho a janela... E acariciava com ternura o papelinho azul onde Nabinho escrevera tremulo: Pague-se por esta minha unica via ao portador a quantia de cento e quinze mil e dez escudos, etc. etc. etc.

UMA NOVELA SENTIMENTAL COMPLETA

AQUELA MULHER QUE ALI VAE...

Pequeno drama de amôr e sofrimento. Historia das muitas historias de todos os dias. Leia, nada lhe custa...

LEOPOLDINA abotoou á pressa casaquito de abafar, poz n'um gesto rapido o chapeu, tomou a malinha de seda já desfiada de tanto uso e, atirando umas rapidas boas noites ao pessoal que arrumava as ferramentas, sahiu apressadamente.

—Lá vai ela ter com o «cavalheiro» —segredou a rir o Fernandes que ocupava a terceira cadeira da esquerda— Vocês não repararam como eles se olhavam emquanto eu fazia a barba? A Leopoldina, mal o viu sentar-se na cadeira, já não podia parar!

—Mas como foi isto arranjado?—

Que apenas quizeste fazer de mim uma desgraçada..

perguntou o Ferreira arrumando os frascos de loção—Eu nunca dei por coisa alguma! Vocês é que as descobrem...

—Está bem de ver!—e o Silva avançou em explicações, com um sorriso de esperteza idiota—Foi quando a Leopoldina lhe arranjava as unhas! Como vocês sabem, o Jorge fazia aqui a barba todos os dias. Duma vez perguntou se havia «manucure», ela simpatisou com ele e agora é como vocês viram! O «camarada» faz a barba á hora de fechar, sae, e a Leopoldina vae ter com ele ali abaixo. Ela é «finoria» mas a mim é que ela não intruja! Eu matei a «charada» logo ao principio!

—E eu!

—A fazer-se toda seria, toda virtudes e afinal... são todas o mesmo!... Isto de mulheres...

* * *

Jorge avançou rapidamente ao encontro de Leopoldina que, já de longe lhe sorria contente:

—Sais tão depressa atraz de mim que qualquer dia os oficiaes descorfiam!

—E que tem?

—Devemos guardar um certo recato!

—Ora! Não gostas de mim?

—Que pergunta! Bem sabes que sim, mas podem dizer-te qualquer coisa, largar-te alguma «piada» desagradavel!

—Já teem dito, mas eu faço de conta que não entendo! Só o que me rala é que minha mãe saiba alguma coisa antes de eu te poder apresentar...

—E' verdade...

—Tu tambem nunca mais arrumas isso do tal negocio! Estou a ver que...

—Não sejas tonta! Então, nem tudo corre á medida dos nossos desejos! Bem sabes que gosto de ti, deixa-me arranjar o que quero e depois...

—Casarás comigo? Tu juras-te!

—E confirmo! Serei só teu, muito teu!

—Meu amorzinho! Se soubesses como anceio a hora de te ver! Se soubesses como gosto de ti!—e Leopoldina envolvia-o n'um grande olhar de ternura onde ia toda a sua alma inexperiente, ingenua, ebria de mocidade.—Se tu soubesses! A's vezes tenho a impressão de que o relogio parou! Como os ponteiros andam devagar quando te espero! Meu Jorge! Gosto tanto de ti! tanto!

—Louca!

—Serei, mas que queres? N'este momento, atravessando estas ruas pejadas de pessoas indiferentes que nos olham cheias de curiosidade, eu não vejo, nada sinto! Só tu, só tu enches o meu peito de uma grande alegria! Queriate ter sempre ao pé de mim, muito agarrado, assim...

—Tira o braço! Vae gente a passar...

—Que me importa se tu és meu, só meu!

—Pois sim mas... não devemos ir de braço dado... bem vez, é preciso guardo segredo...

* * *

Já por varias vezes Jorge tinha desculpado a sua auzencia com palavras onde transparecia a mentira. Leopoldina sentia que ele já não era o mesmo e, apezar de Jorge afiançar que não era nada, que eram as suas coisas que não corriam bem, ela adivinhava que qualquer coisa o levava a afastá-la de si.

Mas não podia ser! Ele era bom, cheio de coração! Sabia a sua miseria, sabia que o magro dinheiro que ganhava como «manucure» quasi não chegava para comprar os remedios á mãe!

Ele era bom, tinha uma alma bôa! Não, não podia ser, era ela que, na ancia de lhe querer tanto não podia condescender em desculpas justas. Se fôra inteiramente d'ele! Podia lá ser! Não. Era ela que se enganava! Se ele dizia sempre que andava a endireitar a vida para depois reparar a falta e casar com ela e viverem muito amigos, muito juntos! Mas... os sorrisos imbecis dos aficiaes que se olhávam significativamente quando Jorge não vinha fazer a barba... Ora!... tolices! Tolices, nada mais...

* * *

—Levaste dez dias sem aparecer! Mandei a tua casa e disseram que não estavas, logo não estiveste doente! Jorge, Jorge! Tu não és o mesmo para mim!

—E tu a dar-lhe!

—Não digas essas palavras! Dantes, emquanto não te pertenci, todo tu eras promessas, juras, prometimentos! Agora...

—Já faltei a alguma coisa?

—Já sim! Dias e dias que não apareces; se te falo estás sempre aborrecido, as minhas palavras não te interessam, tens sempre coisas a tratar! Jorge! Olha para mim, dize que ainda me queres!

—O' filha não maces! Que demonio!

—Vês tu?...—e Leopoldina sentiu que as lagrimas que procurava ocultar lhe queimavam as faces—Jorge! Porque não dizes a verdade?

—Mas que verdade?

—Que apenas quizeste fazer de mim uma desgraçada!

—O' filha! Deixa-te de tragedias! Sabes que já me estás a maçar!? Bem faço eu em não aparecer mais vezes! E queria eu casar contigo!

—Querias? Porque? Já não queres? Fala! Dize, anda!

—Deixa-me!

—Não! Não quero! Jorge, tu premeditas qualquer coisa! Tu já não queres casar comigo? Tu faltas ao que prometeste? Queres deixar-me assim, perdida?

—Mas...

—Pelo amor de Deus! Tem pena de mim! Fala francamente que eu não posso viver n'este inferno!

—Pois bem... eu... não posso casar contigo...

—Não... mas porquê?

—Porque.... porque sou casado!...

* * *

Só um mez depois Leopoldina voltou á barbearia. O patrão sabendo da sua doença, mandava de trez em trez dias saber d'ela e o empregado vinha dizer que lá em casa era uma verdadeira miseria. Ludovina n'uma cama cheia de febre, a mãe, sem se poder mexer, e só uma vizinha é que cuidava das duas por misericordia.

Quando Leopoldina entrou no gabinete, os oficiaes olharam-n'a com piedade, Jorge não fazia segredo da aventura e, enquanto ela cheia de miseria, delirava na queimadura violenta da febre, ele, entre gargalhadas de mofa, ia contando intimidades, detalhes, aos oficiaes que o ouviam n'um prazer de coscuvilhice.

* * *

N'aquele entardecer, Leopoldina olhava tristemente a rua que ia tomando pouco a pouco uma côr doente de violeta, quando subitamente foi despertada por alguem que vindo de manso lhe segredou:

—Boa tarde!

Leopoldina sentiu uma impressão brusca, olhou aparvalhada e não soube que pensar. Na sua frente, Jorge, n'um grande ar de desdem, sentava-se e estendendo-lhe as mãos, dizia n'um sorriso hipocrita.

—Faz favor trata-me as unhas.

Leopoldina cerrou as palpebras a tanta ousadia e maldade, tomou maquinalmente as tesouras e alicates, depois, muito palida, sacudida por um fremito tremento, olhou-o de frente e viu-lhe a

...e sem reflectir, num gesto sofrido, violento, cravou-lhe nas mãos uma das tesouras!...

boca frizada n'um sorriso alvar. Sentiu que as faces subitamente tomavam um calor de febre e n'uma explosão de raiva gritou-lhe:

—Malandro!—e, sem reflectir, n'um gesto rapido, violento, febril, cravou-lhe na mão uma das tesouras e de novo gritou:—Malandro!

Ao grito de Jorge, os oficiaes correram e, emquanto ele vociferava obscenidades tentando arrancar as laminas cravadas na mão, Leopoldina sem acordo, como um cadaver, era levada ao colo para nma cadeira...

* * *

—Aqui tens meu caro, a historia d'aquela rapariga que te apontei ha pouco!—e o meu amigo, bebeu socegadamente mais um trago de cerveja...

Palavras crusadas

O PASSA-TEMPO DA MODA

Relação Explicativa

HORIZONTALMENTE

1—oceano 2—argóla 3—perfume 4—afecto 5—curral 6—perfume 7—bosque 8—mal hereditario 9—animais 10—para pegar 11—tempêro 12—materia 13—movel 14—atrofiadas 15—tirar 16—marca 17—rezas 18—peixe 19—casa 20—batrachios.

VERTICALMENTE

1—maior 2—fructo 4—altares 6—liga 11—tirar 12—tranquilidade 13—fisionomia 15—astro 21—especie de pato 22—deslisar 23—cidade estrangeira 24—reza 25—nome de mulher 26—notas de musica 27—patrôas 28—casa 29—ligar 30—remédiar 31—vestimenta de mulher 32—notas de musica.

Decifrações do numero anterior

HORIZONTALMENTE

1—incenso 2—ea 3—amo 4—ha 5—os 6—dó 7—C. P. 8—ir 9—te 10—as 11—eira 12—óram 13—os 14—mó 15—lás 16—aro 17—use 18—Prim 19—arte 20—regar 21—litros 22—incomodar 23—aaa 24—mar.

VERTICALMENTE

1—ia 2—esperarei 9—tomo 15—lpr 17—urrar 19—Aida 21—tom 25—cá 26—Ema 27—ao 28—oh 29—Adamastor 30—oiro 31—fero 32—os 33—rasa 34—signa 35—ré 36—ees 37—maca 38—rôa.

NOTA:—As «palavras cruzadas» que hoje publicamos são da autoria do nosso ilustre decifrador «Rei-Féra»; publicaremos nos proximos numeros algumas outras que nos foram mandadas, pedindo apenas aos nossos amaveis colaboradores que formem desenhos harmonicos, simetricos, e que quanto possivel não dividam o campo do quadrado em varios campos fechados, (como sucedeu no desenho hoje publicado), tambem recomendamos a numeração, que deve ser feita como a temos marcado, isto é, numerando primeiro as horizontaes e depois as verticaes, o que é mais metodico e vantajoso.

Dado o enorme exito que esta secção está alcançando, crearemos para ela, a partir de um proximo numero, um quadro de honra especial.

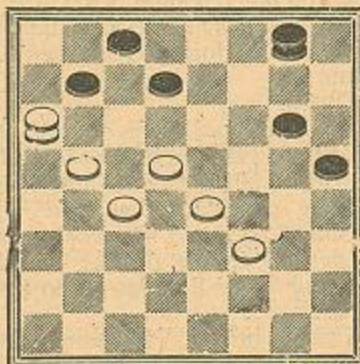
Jogo das Damas

Solução do problema n.º 25

	Brancas	Pretas
1	4-11	32-27
2	11-22	28-24
3	22-29	24-19
4	29-22	27-23
5	20-24	19-16
6	22-15	23-19
7	15-4	

Ganha

PROBLEMA N.º 26

Pretas 1 D e 5 p.

Brancas 1 D e 5 p.

As brancas jogam e ganham. Subentende-se que as casas tracejadas são as brancas.

Resolveram o problema n.º 24 os srs.: José Brandão e «Um oficial» (Foz do Douro) que tem trabalhado como aprendiz, e que a seu pedido, e por bem o merecer, é elevado á categoria de «Oficial».

Houve cinco amadores d'esta secção que nos enviaram uma errada solução, a qual consistia em uma Dama branca, depois de ter tomado uma preta, ir tomar, na sequencia do movimento, outra pedra preta saltando, segunda vez por cima da Dama já tomada.

E' regra do jogo que as pedras não se levantam do taboleiro no momente de serem tomadas. Só depois de a pedra, que as tomou assentar no taboleiro é que se levantam as que se tomaram. D'aí provam que, quando uma casa está ocupada, não se pode passar duas vezes por cima dessa casa, pela simples razão de que uma peça não pode ser tomada duas vezes.

O problema n.º 23 foi tambem resolvido por um amador que usa o pseudonimo KI-LO.

O problema hoje publicado foi-nos enviado por um amador, que deseja ser chamado «UM ANONYMO DA BEIRA». Seja feita a sua vontade.

Todos os que resolverem este e outros, que nos enviou, hão-de agradecer, com muita satisfação, esta primorosa oferta.

—

Toda a correspondencia relativa a esta secção, bem como as soluções dos problemas, devem ser enviadas para o «Domingo ilustrado», *secção do jogo das Damas.* Dirige a secção o snr. João Eloy Nunes Cardozo.

O Charadista

Decifrações do numero passado:

Charada em verso: Aldeaga.
Charadas em frase: Arminho—Champana.

—

CHARADA EM VERSO

Mede os meus versos . . . 4
Decifrador,
E v'rás a magoa . . . 1
D'um trovador.

ZÉ BRANCO

•

ENIGMA

Ao ilustre ZEPEDRO

Se ao filho de Mercurio
Letra segunda tirer
Uma cidade da Europa
Certamente ha-de encontrar.

MISTER MISTERIO

•

CHARADAS EM FRASE

A mulher do Narciso não ha quem seja capaz de egualar 2-1

No turbilhão da poeira é que o tisico se sente inspirado 1-3

REI-FERA

•

INDICAÇÕES UTEIS

Toda a correspondencia relativa a esta secção deve ser endereçada ao seu director e enviada a esta redação.

— Só se publicam enigmas e charadas em verso, charadas em frase, logogrifos e pitorescos, estes bem desenhados em papel liso e tinta da China.

— Os originais, quer sejam ou não publicados, não se restituem.

— E' conferido o QUADRO DE HONRA a quem envie todas as decifrações exactas, entregues até cinco dias após a saída dos respectivos numeros.

Folhetim do «Domingo Ilustrado» N.º 7

CAPITULO IV

NA REVISTA

No dia seguinte, supuz eu que não haveria espectaculo mas, com grande pasmo de todos, a casa encheu-se completamente. A revista «A Gaitinha de Foles» fez um grande sucesso. Nada menos de duzentas representações seguidas!

Vá lá a gente fiar-se em «premieres»!

A peça deu um dinheirão! O Augusto Gomes mobilisou dezoito casas, o Macedo e Brito foi á China, emfim, todos ganharam dinheiro, só eu é que gastava porque com o dinheiro do velhote que me protegia, continuava a ser «uma bôa rapariga» na boca de toda a gente.

CAPITULO V

O VERDADEIRO CAMINHO

A revista «A Gaitinha de Foles» fez um tal sucesso que durou toda a epoca de verão em vista do que, o Augusto Gomes alugou o Apolo para abrir o inverno. Eu tinha agradado bastante nuns numeros que o auctor me tinha feito e que alcançavam grande sucesso no «Casino de Paris».

Ás escondidas da Maria Alves, que por tudo fazia scenas de ciumes, veio o Augusto Gomes falar comigo para eu ir para o Apolo, mas, como n'esse tempo eu andava de amores com um cadete da Escola Medica que estava apaixonado por mim e me prometia um papel de destaque n'uma peça que andava a escrever para se estreiar como auctor no Teatro Nacional, respondi ao Augusto Gomes que o meu enlevo era a declamação e que por isso não fazia mais revista. O Gomes argumentou, alegou razões de ordem artistica afirmando que eu tinha uma plastica unica, que me rebolava muito bem, mas eu a nada me movi e por ultimo como ele insistisse, pedi-lhe dois contos de ordenado. Ele zangou-se, afirmou que por essas e por outras é que o Gomes da Trindade e a Eliza Santos andavam desempregados etc.

Acabou a epoca no São Luiz, e eu voltei para a minha casa de Almirante Reis. Ingressei na bicha das raparigas com muito geito que querem ir para o Nacional, arranjei uma carta para o Lino Ferreira, o Clemente Pinto disse-me que se interessava por mim, e puz-me á espera.

A esse tempo já o brazileiro tinha voádo em razão de varias paixões clandestinas alimentadas por mim, sem prévio aviso.

Estive trez mezes á espera e nunca recebi o tal recado que o Lino ficou de me mandar para eu me apresentar no Teatro. O cadete da Escola Medica era burro como uma búrra e a respeito da tal peça, nem eu.

Um dia apareceu-me o Otelo de Carvalho oferecendo-me um logar na companhia d'ele. Dava-me trezentos mil reis de ordenado e mais setenta e cinco por fóra, com a condição de eu os ir receber ao escritorio. Recusei e continuei esperando. Acabou a epoca de inverno e então agarrei-me ao Augusto Pina que, depois de muitas razões que não veem para o caso, me encaixou no Nacional, com cem mil reis por mez. Deram-me uma creada na peça de verão e fui tão bem que no dia seguinte recebi varias cartas de pessoas que procuravam amas de leite.

A peça não deu vintem e lá fiquei outra vez desempregada.

Como estava sem recursos, aceitei uma proposta do Soares Correia para passar fome de sociedade com ele e, quinze dias depois era contratada para o Eden, para entrar n'uma peça da Parcaria.

N'esse dia abriu-se definitivamente o caminho que me havia de levar á gloria.

CAPITULO VI

O ELEVADOR DA GLORIA

Devo declarar para bem da minha consciencia que, quando fui para o primeiro ensaio do Eden, á parte uma camisa de setineta azul, um chapeu de pergamoide encarnado, uns sapatos arrombados e um vestido em adiantado estado de decomposição, de meu só possuia uma enorme vontade de ter mais alguma coisa. Em compensação não tinha amores porque o Trancoso da claque, com quem mantivera relações durante dois dias, tinha-me deixado com uma paixão assolapada, sem ganas de procurar coração novo, e com uma ciumeira tão grande, que eu nem podia com ela toda.

A revista em que ia entrar, chamava-se «A Bisnaga de Alcochete», e, como todas as da Parcaria, era muito bôa. Distribuiram-me a chefe do primeiro quadro, «A fáda do Oleo» e creio que marquei o papel razoavelmente porque logo no quadro seguinte me deram a «Intrazeunte» que dizia: — «Pouca vergonha!» e saia.

Logo nos primeiros ensaios, notei que o Nascimento Fernandes se atirava a mim, mas eu, ainda mal ferida do Trancoso, não lhe liguei nenhuma.

Acamaradei com a Elisa Santos que queria por força ensinar-me a dançar o maxixe e com a Lina Demoel que tinha mandado forrar o camarim a Crepe de Chine. *(Continua)*

Pagina Feminina

Carta de Paris

CAMPO E PRAIAS

ESTAMOS em vesperas de ferias. Ha largo tempo já, ha talvez mezes, que vêm sendo acariciados mil projectos encantadores que vão realisar-se agora, subitamente, com a maior rapidez.

A estação parisiense foi longa e brilhante. Em algumas reuniões famosas apresentou-se muita elegancia, o que faz supôr que esta feliz ofensiva de «coquetterie» se prolongará ainda durante toda a estação estival.

Entretanto, uma mulher elegante não fará para as aguas os mesmos preparativos que para as prias. Nas aguas sômos talvez obrigados a mais elegancia «raffinée», a menos á—vontade. A vida de todos os dias passa-se entre o hotel e o casino. Na praia não se trata apenas de «coquetterie», mas de outra coisa tambem importante: o conforto, principal preocupação dos inglezes, os quaes chegam até a exagera-lo. Ora, ele é necessario, indispensavel até, mas não em demasia.

Em ferias, á beira-mar, é preciso adoptar uma elegancia simples, nitida, ter os movimentos livres e vestir-se a condizer com o quadro em que se evoluciona; sobretudo, não conhecer o terrivel cuidado do vestido demasiado fragil, que se rasga com qualquer movimento, que se estraga com a maior facilidade e que se arrisca a ficar inutilisado antes do fim das ferias; nem o cuidado do sapato delicado, que se inutilisa com o primeiro passeio de manhã na praia, na areia ou na estrada.

Muitas senhoras usam na praia a rêde que segura os cabelos. E' muito pratica, mas é pouco «chic». Visto que se poz inteiramente de lado a larga fita a dizer com o vestido e que apertava tão graciosamente a cabeça, é preferivel trazer um chapeu. De resto, os chapeus são tão pequenos e tão lindos! Pode-se, com uma fita, faze-los condizer tão facilmente com todos os vestidos, que não é dificil traze-los a toda a hora do dia.

A praia é a mais bela paisagem do verão e para estar em harmonia com ela é preciso a todo o custo usar vestidos claros. Se o tempo está fresco, recorremos aos abrigos de lã que, a exemplo dos tecidos mais leves, se encontram em todas côres claras.

O branco é sempre lindo á beira-mar, mesmo o branco branco e um pouco crú, que é para temer num vestido de cidade. Torna-se completamente elegante e muito á moda se fôr avivado com uma nota vermelha, verde jade ou amarelo limão. Todas estas manchas de côr são encantadoras ao ar livre e ficam bem ao rosto. E' preciso aproveitar os poucos dias de ferias para os usar; depois, já não devem ser usados.

Um orçamento feminino modesto pode possuir um jogo completo d'estes vestidos curtos, sem mangas, que se lavam e se enformam facilmente. E' tão facil ás raparigas fazerem por suas prorias mãos, em poucas horas, todos estes lindos vestidos! Um fino plissado, um gracioso cinto completam agrdavelmente o vestido mais simples. Os tecidos agora em voga prestam-se a isso admiravelmente, sem inspirar um feitio complicado, nem um córte dificil.

O BOM MARIDO

Uma revista franceza publicou ha dias as confidencias d'uma senhora, entre as quaes notamos a seguinte passagem relativa ao bom marido.

«O marido verdadeiro, aquele que eu denominarei o bom marido, seria o homem que vivesse unicamente para a sua mulher e no qual não notasse o menor vestigio de egoismo. Eu posso dizer que ainda não o encontrei e já tive quatro maridos».

E' caso para dizer a esta madama que não desanime, que continne nas suas experiencias. Diz ela que o defeito dominante do homem é o egoismo. E' possivel. Mas ha-de haver excepções!

COSINHA E DOCES

«Espargos frescòs»—Pega-se em um ou dois molhos de espargos frescos; partem-se os talos, cortam-se em pedacinhos só as partes macias metem-se as cabeças numa panela e os talos n'outra, em agua e sal, mantendo-os com a côr verde e não muito cosidos. Escorrem-se. Deitam-se n'uma caçarola os espargos com manteiga, deixam-se cosinhar algum tempo, agitando sempre a caçarola; temperam-se, deita-se uma pitada de assucar. Ligam-se com molho louro, branco ou manteiga. Dispõem-se n'um prato, enfeitado com fatias de pão torrado em manteiga, ou melhor ainda ovos escaldados em volta.

DOCE DE ABOBORA:—Descasca-se a abobora bem vermelha e enxuta, pesa-se; para um quilo de abobora, um quilo de assucar. Leva-se ao fogo a abobora cortada em padaços pequenos, com uma chicara d'agua. Quando a abobora estiver cosida, passa-se pela peneira fina. Volta ao lume com o assucar; quando começar a esquentar, não se pode mais deixar de mexer, para não pegar no tacho. Despegando-se facilmente do fundo do tacho estará prompto o doce.

O VERÃO E A PELE DO ROSTO

Sucede vulgarmente que muitas senhoras se vêem aflitas no verão por notarem que a pele do seu rosto se lhe estraga por completo com o calor, o sol, o ar do campo ou do mar. Isso só mostra que elas não tiveram o cuidado de usar diariamente o «Cold-créme Marya» e c Pó d'arroz Marya», dois produtos finissimos e muito baratos que lhes defenderiam a pele maravilhosamente e não lha deixariam estragar.

CELIMÉNE

Para os nossos pobres

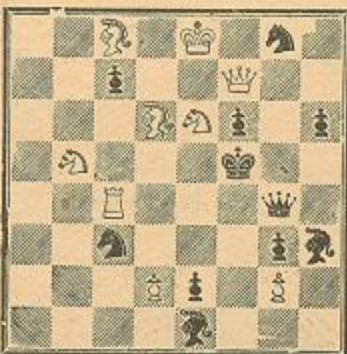
Transporte.....	26$00
Incompreensivel..........................	3$00
Uranio..............................	1$00
A transportar......	30$00

Xadrês

A correspondencia sobre esta secção póde ser dirigida a Pereira Machado, Gremio Literario, Rua Ivens, n.º 37

PROBLEMA N.º 26

Por A. F. Mackenzie (1.º premio)

Pretas (11)

Brancas (9)

As brancas jogam e dão mate em dois lances.

—

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 24

1 T (de 1 B)—7 B D

A. F. Mackenzie falecido em 1995 estava cego havia anos quando compoz o problema que hoje publicamos e outros encantadores e espirituosos.

De Moscou anuncia-se a constituição oficial de uma Academia de Xadrês. O programa compreende lições de aperfeiçoamento, cursos para principiantes, lições de propaganda, ensino secundario para professores etc. Os cursos são de tres meses. O governo russo considera o xadrês como um bom metodo educativo.

O sr. Horacio Ferreira Saloio (Mafra) resolveu o problema n.º 23 e o sr. Marcelino de Barros o problema n.º 24.

GRAFOLOGIA

o caracter revelado pela caligrafia

RESPOSTAS A CONSULTAS

JULIETA.—Inteligencia pouco cultivada, egoismo e vaidade. Pouca economia mas é capaz de guardar um segredo. Um tanto creança e boa para as amigas.

MECO.—Nervoso e irascivel, generoso e impulsivo e, apesar dos desenganos sofridos, ainda é idialista. Verdadeiro e leal. Desordenado por falta da paciencia.

FERNANDA.—Inteligente, ideias proprias e independentes, afavel e bondosa. Gostaria de ser mais religiosa que é. Boa memoria, espirito inquieto e analitico. Bom gosto literario e um tanto ambiciosa. Gosta da poesia em prosa.

CUNHA. — Distinção, espirito religioso, erdem e bom gosto. Idialismo e generosidade sem prodigalidades. Trato afabilissimo e egoismo sem exagero.

LILI. — Vulgaridade, trato afavel. Preocupa-se com o que os outros possam pensar. Ordem para tudo, explendida memoria, bom gosto. Domina-se bem e sabe viver.

MODERNISTA.—Firmeza de caracter, ideias proprias. vaidade e boa memoria. Original no trato, desigualdades nervosas, desconfiança e accio moral. Grande horror á hipocrisia.

JOAQUIM MARIA. — Desconfiança, um pouco de pessimismo que motiva retraimento. Pouca vaidade mas muito orgulho. Religiosidade, afeição á musica, ordem, reserva e boa administração.

ZACARIAS DO AMPARO. — Orgulho de si proprio (talvez do nome) impulsivo e um tanto estouvanado. Generoso sem norma e rotundo nas afirmações. Amor ao pouco trabalho e á discreção. Sensualmente apaixonado. Vulgaridade. Deve uzar farda.

FANDELIRIO. — Originalidade e força de vontade, amor á estetica e á religião. Forte sensualidade, prontas resoluções o que o leva muitas vezes a arrepender-se. Comunicativo, ordenado em certas coisas e em outras de uma terrivel desordem,

THEODOMIRA. — Heroismo e exaltação. Inteligencia intuitiva, economia sem exagero. Trabalhador, igoismo, um tanto hipocrita e preocupando-se muito com os outros.

DINAN.—Poucas ideias mas as que tem são boas. Ordem, economia, trabalho e boa moral. Prazer pela dança, afeição, constancia e um pouco creança. Acredita facilmente em tudo.

C. E. F.—Mania da originalidade, caracter original e impulsivo. Habilidade manual, preguiça, sentimento estetico sem grandes demonstrações. Generosidade e vaidade. Tem por vezes vontade de ser agressivo mas, por não gostar, não é.

C. A. M.—Muitos nervos e sem dominio, bondade de alma e generoso. Sensualidade, desconfiança, boas qualidades de trabalho e valentia.

XIMENES 1.º — Vontade firme com rajadas de impaciencia, inteligencia, pessimismo. Habitos de trabalho, sensual e apaixonado. Poucas ideias mas bem arrumadas, pouca vaidade mas orgulho intimo.

VIOLETA BRANCA (Porto) — Inteligencia fraca, temperamento influenciavel, ordem, economia e romanticismo. Sentimento maternal. Acanhamento, nervos vibrateis mas ordinariamente calmos. Lealdade, vida simples e nenhuma vaidade.

C. E. F —Fraca vontade, ordem e juizo claro dos homens e das coisas. Generosidade. inteligencia, amor á verdade e á liberdade Pouca vaidade.

SEM PAVOR.—Caracter apaixonado e bondoso, equilibrio moral e generosidade sem prodigalidades. Ordem, amor á estetica, um tanto religioso e afavel. Gosta da boa vida e habitos de grandeza.

PAQUITO MANOLO.—Simples e dedicado, trabalhador, generoso, justo nas apreciações. Um pouco romantico, grande prazer pela dança. Gosa boa saude.

VIOLETA. — Otimismo, trato afavel, habilidade manual, espirito religioso e um tanto de desconfiança. Simples e dedicada. Gosta de ler e tem bom gosto pela leitura. Um pouco de ironia mas com espirito. (A analise que pede não posso fazer. São apenas seis palavras e a lapis.)

L. A. N.—Originalidade, boa memoria, nervos fortes, gosta de todas as artes e simpatiza com as sciencias. Mais apaixonado do que pretendia ser. Protege sempre que póde, poeta no intimo. Orgulho, grande gèito para mandar nos outros.

MARIO MENDES.—Vulgaridade, forte sensualidade, boa inteligencia mas pouco cultivada (talvez preguiça). Economia sem ridiculo, afeição á musica e á dança, muito arrumado. Detalhista, trato afavel.

JOSÉ MIRANDA PEREIRA.—Pessimismo, talvez por cansaço da vida. Espirito de contradição. Pensa sempre não ir muito longe com isto ou aquilo, mas... sempre vae indo. Não deve ter boa saude. Inteligente nas cousas praticas, leal e dedicado para a familia, pouca vaidace e sensualmente cerebral.

ESFINGE.—Gostos originaes, força de vontade que se impõe aos outros, tenacidade, inteligencia e amor á arte. Gosta de frases e literaturas complicadas. Preocupa-se muito com o tema «Amor». Quer ser reservado mas não pode. Se não é pintor, poderia sel-o. Vaidoso e tem muitos amigos.

RAMIA ALIZU. — A caligrafia é forçada, por isso não garanto a analise: Habitos de grande vida, espirito religioso, delicadeza de sentimentos, nervos fracos, muitas penas sofridas. Deve ser bonita.

PINOTE. — Aos pinotes anda a sua inteligencia que ainda não sabe em que se pode empregar. Inconstante e vaidoso, tem vontade de ser mau, mas por infantilidade, não sabe ser. Gosta de todas as mulheres e está convencido de que se apaixonou varias vezes. Gosta de fazer espirito... banal pelos cafés com os amigos. E' ordenado e finge o contrario para que o julguem «estroina». No fundo não é mau e... daqui a alguns anos, será um homem de juizo.

ANAIV.—Ordem, habilidade manual, juizo recto e calmo das coisas, força de vontade e habitos de trabalho. Alma nobre mas ninguem o sabe (é pena), simples, era preciso que alguem puxasse por si. Gosta dos animaes, é suave e delicado com toda a gente. Não teve sorte e comtudo, não se tornou mau.

MADEMOISELLE GIOCONDA.—Vaidade, espirito subtil, distinção e bom gosto sem originalidade (a não ser no vestir). Pensa pouco no que devia pensar muito. Amavel e com um bocadinho de «pose» porque pensa que lhe fica bem. Lê muito.

A DAMA ERRANTE

Quer saber o seu caracter? As suas qualidades e defeitos? Envie seis linhas manuscritas em papel não pautado, acompanhada de um escudo para—«A DAMA ERRANTE».

RUA D. PEDRO V, 18,—LISBOA

Actualidades gráficas

A FESTA DOS 3 JORNAIS

NASCIMENTO FERNANDES, o notabilissimo artista que terá uma grande parte na «Festa dos 3 jornais» executando um sensacional numero.

NIÑO DE LA PALMA NO CAMPO PEQUENO

O grande toureiro espanhol numa das suas colossais «veronicas» com que assombrou o publico de Lisboa.

NO TEATRO

RENDA, SERRA E AMANCIO, três distinctos scenografos que marcaram um grande triunfo com os seus trabalhos na peça que com enorme exito está em scena no Eden.

A festa dos 3 jornais

O eminente actor Alexandre de Azevedo que com sua Esposa, uma senhora da alta sociedade carioca, colabora na grande «Festa dos 3 jornais».

NO TEATRO

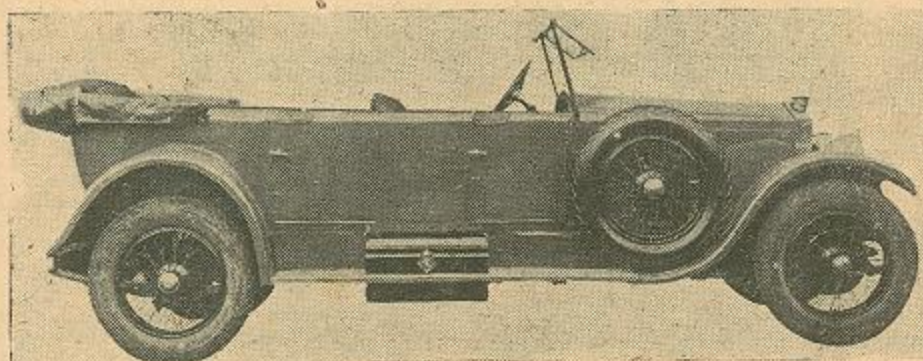
ADELINA ABRANCHES, genial actriz portuguesa que acaba de reaparecer na peça «O Lôdo», de Alfredo Cortez, no Avenida.

UM EXITO DE "O DOMINGO ILUSTRADO"

A grande grafologa do nosso jornal que tem obtido extraordinario sucesso com as suas revelações. «A Dama Errante» foi grafologa das principais revistas da especialidade, e em Espanha trabalhou entre outras na revista «Por esos mundos».

ANDRÉE LEIONNEL, a brilhante vedeta francesa, estrela em «A mendiga de São Sulpicio», super-série a estrear no «Condes», na 3.ª feira proxima.

Actualidades desportivas

UM GRANDE CARRO

Um torpedo «Bignan» de sete logares cujo impecavel fabrico é uma verdadeira maravilha mecânica.

MAURICE SCHÜTZ, o extraordinario actor que, ao lado de Charles Vanel, interpreta a super-série «A mendiga de São Sulpicio», um extraordinario film, prodigio de mise-en-scene e movimento, que marca como uma das melhores producções cinematograficas.

ATENÇÃO!...

NÃO HA CALÇA ELEGANTE SEM FITA

"UNIC"

Maravilhoso invento inglês

Conserva sempre o vinco das calças. Nunca mais desaparece! Não faz joalheiras. Resiste a todas as grandes molhas. Economisa muito dinheiro. Não estraga a fazenda das calças. Conserva sempre a linha recta e elegante. Dá distinção. Evita o aspecto de pobreza e de abandono. NÃO É PRECISO VOLTAR A PASSAR A FERRO.

Preço de reclame: Fita para uma calça, 7 Escudos

PARA A PROVINCIA FRANCO DE PORTE

Depositarios:—MAISON BLANCHE—ROSSIO, 16

SALÃO AMERICANO

ABRIU NO DIA 16 ESTE AMPLO SALÃO DE BILHAR COM TODOS OS CONFORTOS MODERNOS

Serve-se Cerveja e Café

Preços resumidos

AO CONFORTAVEL SALÃO

LARGO DO REGEDOR, 7

ANTONIO DE MENEZES

assistente do Instituto para creanças aleijadas em Berlim-Dahlem

RTHOPEDIA

Rachitismo—Tuberculose dos ossos e articulações — Deformidades e paralysias em creanças e adultos

ÁS 3 HORAS

IDA DA LIBERDADE, 121, 1.º - LISBOA

TELEF. N. 908

GRANDE RESTAURANT

— DO —

Solar Alegria

ABERTO TODA A NOITE

SERVIÇO ESMERADO

56, Praça da Alegria, 56

LISBOA

RESTAURANT

Castelo dos Mouros

PARQUE MAYER

Variações de toques de guitarra pelos distintos guitarristas

JULIO CORREIA E CESAR

TODAS AS NOITES

ABERTO TODA A NOITE

SAPATARIA CAMONEANA

CALÇADO DE LUXO

FABRICO MANUAL. QUALIDADE IRREPREENSIVEL.

VISITEM O NOSSO ESTABELECIMENTO

R. CONDE REDONDO, 1-A, 1-B

(AO BAIRRO CAMÕES)

SOBRETUDOS DA MODA; CAPAS Á ALEMTEJANA; CASACOS DE ALPACA

METE-SE PELOS OLHOS A VANTAGEM DE COMPRAR

Fatos feitos, capas á alemtejana, sobretudos da moda na CASA das TESOURAS

FATOS FEITOS PARA HOMEM PARA RAPAZES FATOS DE KAKI CALÇAS FEITAS

CASA DAS TESOURAS

51-51A RUA DA ESCOLA POLITECNICA 53-55 — PERES & ABRANTES, SUC.

R. Escola Politécnica 51, 51 A, 53, 55

ATRACÇÕES PELAS MAIS FORMOSAS ARTISTAS

Dancing—Orchestra Gounod

Das 5 da tarde ás 5 da madrugada TODOS OS DIAS NO

Alster Pavillon

38, Rua do Ferregial, 40

UNICO CABARET ARTISTICO DE LISBOA—CAFÉ, CERVEJA, WHISKIES, COCKTAILS, LICORES, ETC.

OS APARELHOS FOTOGRAFICOS

"CONTESSA NETTEL"

CONTINUAM A BATER O RECORD DA PERFEIÇÃO.

GARCEZ, L.DA

Rua Garrett, 88

TRABALHOS PARA AMADORES

BREVEMENTE A

A Novela do DOMINGO

QUERE CONHECER ALGUMA COISA DE ESTILOS DE ARTE? LEIA OS ELEMENTOS DE HISTORIA DA ARTE DE LEITÃO DE BARROS

4.ª edição á venda.

O DOMINGO ILUSTRADO

Aceita agentes em toda a parte onde os não haja

O melhor vinho de meza é o COLARES BURJACAS

BANCO NACIONAL ULTRAMARINO

SOCIEDADE ANONIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

BANCO EMISSOR DAS COLONIAS

SÉDE:—LISBOA, RUA DO COMERCIO
AGENCIA:—LISBOA, CAES DO SODRÉ

CAPITAL SOCIAL	CAPITAL REALISADO	RÉSERVAS
ESC. 48:000.000$00	ESC. 24:000.000$00	ESC. 34:000.000$00

FILIAIS E AGENCIAS NO CONTINENTE:—Aveiro, Barcelos, Beja, Braga, Bragança, Castelo Branco, Chaves, Coimbra, Covilhã, Elvas, Evora, Extremoz, Famalicão, Faro, Figueira da Foz, Guarda, Guimarães, Lamego, Leiria, Olhão, Ovar, Penafiel, Portalegre, Portimão, Porto, Regoa, Santarem, Setubal, Silves, Tomar, Torres Vedras, Viana do Castelo, Vila Real Traz-os-Montes, Vila Real de Santo Antonio e Vizeu.

FILIAIS NAS COLONIAS:

AFRICA OCIDENTAL:—S. Vicente de Cabo Verde, S. Tiago de Cabo Verde, Loanda, Bissau, Bolama, Kimshassa (Congo Belga), S. Tomé, Principe, Cabinda, Malange, Novo Redondo, Lobito, Benguela, Vila Silva Porto, Mossamedes e Lubango.

AFRICA ORIENTAL:—Beira, Lourenço Marques, Inhambane, Chinde, Tete, Quelimane Moçambique e Ibo.

INDIA:—Nova Gôa, Mormugão, Bombaim (India inglesa).

CHINA:—Macau.

TIMOR:—Dilly.

FILIAIS NO BRASIL:—Rio de Janeiro, S. Paulo, Pernambuco, Pará e Manaus.

FILIAIS NA EUROPA:—LONDRES 9 Bishopsgate E—PARIS 8 Rue du Helder.

AGENCIA NOS ESTADOS UNIDOS:—New York, 93 Liberty Street.

OPERAÇÕES BANCARIAS DE TODA A ESPECIE NO CONTINENTE, ILHAS ADJACENTES, COLONIAS, BRAZIL E RESTANTES PAIZES ESTRANGEIROS

A MAIOR TIRAGEM DE TODOS OS SEMANARIOS PORTUGUESES

O DOMINGO ilustrado

ASSINATURAS
CONTINENTE E HESPANHA
ANO - 48 ESCUDOS -
SEMESTRE - 24 ESC. -
TRIMESTRE - 12 ESC. -

ASSINATURAS
COLONIAS
ANO, 52$20 - SEMESTRE, 26$10
ESTRANGEIRO
ANO, 64$64 - SEMESTRE, 32$32

NÃO FAZ CAMPANHAS ~ PUBLICA TODA A RECLAMAÇÃO JUSTA ~ NÃO TEM POLITICA

A luta no Riff

Abd-el-Krim continua triunfante em Marrocos, opondo um formidavel exercito ás grandes legiões francesas e espanholas que o guerream. Nos ultimos combates o terrivel chefe tem feito nas tropas europeias enormes baixas. A Espanha e a França intentam uma grande acção conjuncta para impôr de vez a paz marroquina. Esta pagina representa uma carga da sua invencivel cavalaria.